

O presidente e o ajuste fiscal

■ Desde janeiro de 1995 o JB acompanha os passos do governo FH, com a ressalva de que as reformas são essenciais para o país

Desde o início do primeiro mandato de Fernando Henrique Cardoso, em janeiro de 1995, o JORNAL DO BRASIL vem manifestando a convicção de que os méritos intelectuais e políticos do presidente e a sonhada estabilização monetária não eram suficientes para pôr o país no rumo definitivo do desenvolvimento e da equidade social. O JB tem, ao longo desses quatro anos e dois meses, insistido na necessidade de um rigoroso equilíbrio das contas públicas – o chamado ajuste fiscal, tantas vezes apregoado dentro e fora do governo, mas sempre adiado pelas vicissitudes da política nacional.

No acompanhamento do desempenho do governo, o alerta permanente para a urgência do ajuste tornou-se tema recorrente para o JB. Em 2 de janeiro de 1996, por exemplo, no editorial *Desafios de 1996*, o jornal advertia: “A política de aperto monetário, juros elevados e câmbio travado não pode ser sustentada por muito tempo. Só um ajuste nas contas do setor público, mediante as reformas administrativa, previdenciária e tributária, e a retomada mais acelerada da desestatização, poderá abrir espaço para o setor privado assumir a liderança do processo econômico”.

Constatação inevitável do JB ao longo destes quatro anos e dois meses: os condicionamentos impostos ao governo por sua base parlamentar são o principal fator de retardamento do equilíbrio das contas. “O custo de não terem o governo e a sua base de sustentação no Congresso dado prioridade número um às reformas destinadas ao ajuste fiscal não pode recair sobre a sociedade, que está pagando preço alto pelo atraso das reformas”, afirmou o JB em 16 de janeiro, quando o país, que mal acabara de ingressar no segundo mandato do presidente, entrava a passos largos no turbilhão da crise financeira.



Missão Histórica

“Houve mais do que coincidência nas 48 horas que separaram a morte de dois nomes de destaque na vida pública brasileira: o desaparecimento de Sérgio Motta e Luís Eduardo Magalhães fulminou o Executivo e o Legislativo nas duas personalidades de maior destaque da nova geração no governo Fernando Henrique Cardoso, no que ele apresenta de coerente e de determinação, apesar das diferenças políticas que os separavam.

(...) Pela natureza do sistema presidencialista de governo, cabe ao presidente da República superar a adversidade e desempenhar, com a presteza com que agiu quando a tempestade asiática desabou sobre a economia brasileira, o novo quadro igualmente inesperado e potencializado pelas consequências que a demora de tomar decisões pode multiplicar.”

23 de abril de 1998

Carapuças no Ar

“Desde que o presidente Fernando Henrique chamou de vagabundos, no bom e no mau sentidos, os aposentados brasileiros com menos de 50 anos, a busca aos dicionários das várias acepções da palavra justifica ou condena o uso dela para refletir um dos problemas brasileiros mais agudos da atualidade.

É sem dúvida expressão forte, e tão forte que pelo menos 3 milhões de aposentados seriam enquadrados nela, a rigor, mas há uma minoria, no governo e na oposição, que vestiu a carapuça, espicaçada pela mídia e pelo oportunismo eleitoral que amplificaram até onde puderam o texto fora do contexto.”

14 de maio de 1998

Esfinge Fiscal

“(…) Aplicada em situação de emergência, a elevação dos juros em outubro defendeu o real de ataques especulativos como os sofridos ontem pela Rússia, mas gerou forte desaquecimento da economia e aumentou o desemprego.

O presidente Fernando Henrique está pagando alto preço político por não ter-se empenhado, enquanto o quadro econômico era mais favorável, na aprovação das reformas que dariam mais tranquilidade ao ajuste fiscal, nem para puxar o freio dos gastos públicos, transmitindo aos governadores e prefeitos o exemplo da austeridade.”

19 de maio de 1998

Repto à Nação

“Salvo improvável acidente de percurso, a eleição presidencial está definida. Na condição de virtualmente reeleito, o presidente Fernando Henrique dirigiu-se à nação proclamando o país a esforço conjunto pelo ajuste fiscal e propôs a agenda dos próximos três anos.

(...) O sentido político do pronunciamento do presidente foi o de chamar o Brasil à reflexão sobre o seu destino. Se o país quiser voltar a crescer e se credenciar ao papel de destaque que lhe reserva o século 21, é vital que faça o ajuste fiscal. Quanto mais rápido e mais profundo for, maiores as possibilidades de voltar a crescer.”

24 de setembro de 1998

Lugar na História

“Fernando Henrique elegeu-se em 1994 graças ao brilhante plano de estabilização da economia, com a promessa óbvia de implementar reformas constitucionais que criassem as condições para um novo ciclo de crescimento sustentável.

(...) As reformas essenciais – previdenciária, administrativa, tributária, política – foram sabotadas pelos seus próprios aliados no Congresso, enquanto o presidente passou a se concentrar exclusivamente em mobilizar a emenda da reeleição – que muitos achavam prematura – deixando em segundo plano as modificações institucionais destinadas a desarmar a armadilha do câmbio sobrevalorizado e dos juros exorbitantes. Caiu na própria armadilha.

(...) O segundo mandato do presidente vale por dois. As delongas e tergiversações fizeram com que o primeiro quadriênio fosse reduzido a dois anos úteis. Agora o tempo urge e é preciso que o segundo mandato se desdobre em seis. (...) Renovou na reeleição seu compromisso de realizar todas as reformas que prometeu. Promessa é dívida de político. O presidente nada tem mais a perder, a não ser o seu lugar na história.”

29 de outubro de 1998

Patrimônio Frágil

“A estabilidade da moeda completou quatro anos e meio no Brasil, desde a criação do real, em 1º de julho de 1994.

(...) Mas isso não é tudo. A começar pelo fato de que a estabilidade não ganhou vida própria: continua vulnerável, sobretudo a ataques especulativos de fora para dentro do país.

A estabilidade se mantém vulnerável por não ter sido feito até hoje (transcorridos 1.642 dias do processo de estabilização monetária) o ajuste fiscal que daria solidez e sustentação ao real.”

2 de janeiro de 1999

O Novo Desafio

“A desvalorização de quase 20% da moeda brasileira esta semana acabou com o Plano Real implantado em 1º de julho de 1994.

(...) O custo de não terem o governo e a sua base de sustentação no Congresso dado prioridade número um às reformas destinadas ao ajuste fiscal não pode recair sobre a sociedade, que está pagando preço alto pelo atraso das reformas.”

16 de janeiro de 1999

Decisão Tardia

“(…) O enorme desgaste público do presidente Fernando Henrique foi o resultado dos 40 dias de turbulência econômica, nos quais o dólar e os preços em geral ficaram à deriva, com custo brutal para o setor privado (empresas e trabalhadores), decorrente do abandono da âncora cambial que sustentou o real durante cinco anos.

O momento é adequado a uma reforma ministerial que esteja à altura das necessidades. Os arranjos que determinaram a composição do atual ministério perderam sentido político.”

11 de março de 1999

Brasil justo

“Saldar a dívida social, vencendo a fome, a doença e a ignorância, é o maior desafio brasileiro deste final de século.

(...) O novo presidente se comprometeu a governar para todos. Mas, em face dessa prioridade absoluta, disse corajosamente que, se for preciso acabar com privilégios para fazer justiça a milhões de brasileiros, ficará ao lado da maioria.”

3 de janeiro de 1995

Olho no Olho

“No pronunciamento que antecedeu sua primeira entrevista coletiva depois da posse, o presidente dirigiu-se diretamente ao povo brasileiro, olho no olho, desafiando um raciocínio límpido, sem reboço ou negação, para acentuar a gravidade da hora: o Brasil tem de mudar, quer mudar, vai mudar.

(...) O país permanece um gigante econômico de pernas engessadas, que simultaneamente é um anão político a se mistificar sobre pernas de pau. Fernando Henrique Cardoso nos diz, com implacável simplicidade, que é preciso retirar o gesso e abandonar muletas.”

17 de fevereiro de 1995

Camisas e Idéias

“O desabafo de Fernando Henrique Cardoso (“será que para ser de esquerda é preciso ser burro?”) provocou reações iradas nos que persistem em identificar esquerda com modelo estatizante, protecionista, xenófobo.

A frase presidencial referia-se ao bloqueio mental à exaustão do modelo de substituição de importações, à falência do corporativismo sindical e patronal, à mundialização das trocas e dos fluxos de informação e à crise dos Estados nacionais. Alertava para a falta de inteligência histórica.”

6 de julho de 1995

O novo e o velho

“São constrangedoras as cenas de varejo político a que o presidente da República se submete periodicamente a fim de conseguir aprovar no Congresso o que julga ser de interesse do país.

(...) É o diálogo da desindexação com a diminuta ponte municipal, da reforma tributária com a delegacia do INSS, da reforma administrativa com o empreguismo de sempre – o diálogo do novo com o velho.”

22 de junho de 1995

Todos por Um

“(…) O presidente da República reuniu em Brasília 27 governadores a braços com o endividamento dos seus estados e propôs um pacto entre eles para imprimir racionalidade à solução dos problemas mútuos: é imperioso – disse Fernando Henrique – darem-se as mãos para o país realizar um salto por sobre as atuais dificuldades.

O ponto de convergência é o interesse público. O presidente pediu ajuda dos governadores para a aprovação das reformas administrativa, tributária e previdenciária em troca do alívio do pagamento das dívidas dos estados com a União, mediante o alongamento do seu perfil.”

27 de setembro de 1995

Volta e Expectativa

“O governo Fernando Henrique Cardoso vai completar o primeiro ano, dos quatro que lhe couberam, com a credibilidade política que abarrotou as urnas registrando declínio. O capital político do governo continua a ser o Real, que cunhou quando ministro da Fazenda no governo passado. As reformas empacaram, com exceção da quebra do monopólio estatal do petróleo e das telecomunicações, da revisão do conceito de empresa nacional e da abertura do subsolo a empresas estrangeiras. O resto – as reformas fiscal, previdenciária e administrativa – vão sendo empurradas pela insaciável barriga fisiológica do Congresso.

(...) Há o reconhecimento de que Fernando Henrique não tem sido feliz em suas reações rápidas às denúncias que bombardeiam o panorama nacional. As palavras com que negou conteúdo de veracidade ao caso do Sivam ou com que minimizou a gravidade do episódio de escuta telefônica pela Polícia Federal o deixaram em posição desconfortável depois da confirmação das suspeitas que desencadearam o escândalo.”

16 de dezembro de 1995

Desafios de 1996

“(…) O presidente Fernando Henrique não pode perder outro ano enredado na lentidão da reforma patrimonial do Estado (a privatização pouco andou em seu governo).

A política de aperto monetário, juros elevados e câmbio travado não pode ser sustentada por muito tempo. Só um ajuste nas contas do setor público, mediante as reformas administrativa, previdenciária e tributária, e a retomada mais acelerada da desestatização, poderá abrir espaço para o setor privado assumir a liderança do processo econômico.”

2 de janeiro de 1996

Sinais de Balbúrdia

“(…) O que preocupa o brasileiro em relação ao fôlego do Plano Real é a indiferença com que o Congresso trata de assuntos tão importantes.

(...) O presidente Fernando Henrique se expôs ao risco de lidar diretamente com a política, em vez de se resguardar, dividindo tarefas e responsabilidades. As viagens presidenciais ao exterior têm deixado um vácuo político ocupado pelos adversários. Foi assim na viagem à Índia, em novembro, quando estourou o caso Sivam. O JORNAL DO BRASIL advertiu que a presidência não seria mais a mesma dali para a frente. Os fatos estão confirmando.”

15 de março de 1996

Os Dois Brasis

“Para assumir o trono da França, Henrique IV abjurou o protestantismo declarando que Paris bem valia uma missa. Para aprovar a Reforma da Previdência, Fernando Henrique Cardoso distribuiu uma empresa de telefonia de Rondônia, diretorias da Conab e de Furnas, a superintendência estadual da RFFSA e outros cargos. Pode-se chamar isso de realismo político ou de fisiologismo de resultados. Em ambos os casos, a História terá avançado por cima dos fanáticos e interesseiros.

(...) Pagar o preço é a solução. Daí a concluir que Fernando Henrique abjurou suas idéias é retórica de oposição.

(...) Ignorar que a vanguarda e o atraso convivem em todas as regiões e estados da federação é supina ingenuidade.”

1º de abril de 1996

Razões históricas

“(…) Com a meta simultaneamente classificada de modesta e audaz de fazer o assentamento de cem mil famílias até o último ano de seu mandato, Fernando Henrique Cardoso, segundo dados do INCRA, não conseguiu assentar mais de 6.993 no seu primeiro ano no Planalto.

(...) O massacre de Eldorado dos Carajás é mais uma luz vermelha que pisca com urgência a lembrar ao presidente Fernando Henrique Cardoso que ele foi eleito não só para fazer um Brasil estável, mas também mais justo.”

20 de abril de 1996

Palavra do Amigo

“Plauto dizia que todo homem, por mais sábio que fosse, precisava do conselho de um amigo sagaz. O professor de filosofia José Arthur Giannotti é homem sagaz e amigo do presidente Fernando Henrique há mais de 45 anos. Merece, portanto, a atenção presidencial quando adverte que a esmagadora vitória da emenda da reeleição no Congresso, a ausência de oposição política consistente e o amplo apoio que conta nas ruas, revelado nas sondagens, transformam em urgência nacional a clara formulação de um projeto de longo prazo para o Brasil.

O professor Giannotti identifica tentações de despotismo esclarecido quando, no afã de quebrar resistências à modernização do país, o presidente prefere o rolo compressor parlamentar ao debate mais amplo com os diversos setores da sociedade civil.

(...) O Brasil precisa de um plano de navegação de longo curso, um plano capaz de nortear muitas as futuras na travessia do milênio.”

18 de fevereiro de 1997

Reforma Frustrante

“A nação está frustrada. A reforma do Estado – umas das principais bandeiras de campanha e que fez a maioria absoluta dos eleitores pender para o candidato Fernando Henrique Cardoso, acreditando que seriam essenciais à consolidação da estabilidade econômica do Plano Real – ameaça ser abandonada pela metade, atropelada pelos velhos e baixos interesses políticos acomodados à sombra do Estado.”

11 de abril de 1997

Desafio Imediato

“O presidente Fernando Henrique, na entrevista publicada ontem no JORNAL DO BRASIL, teve inteira razão ao apontar a crise externa como o principal problema nacional. (...) No calor da primeira crise globalizada das bolsas, em outubro, o Brasil tomou medidas pontuais, como o aumento dos juros e o pacote fiscal, que têm sido eficazes para evitar o contágio do real pela desconfiança, mas não são suficientes para tornar o país imune ao perigo internacional nem afastar ataques especulativos ao real.”

14 de janeiro de 1998